

Gullar, precário filosofar: o poeta-colunista e o futebol nos anos 2000

Gullar, precarious philosophy:
football during the 200s and the columnist and poet

Helcio Herbert Neto

Universidade Federal Fluminense
Departamento de Estudos Culturais e Mídia, Niterói/RJ, Brasil
helcio.neto00@gmail.com

RESUMO: Ferreira Gullar publicou durante décadas textos a respeito de arte, política e comportamento em veículos de comunicação brasileiros. O propósito deste artigo é encarar como o futebol surge nas colunas do autor, levadas a público pela *Folha de S. Paulo*, durante os anos 2000. O intuito é compreender de que maneira são retomadas tendências presentes na cobertura esportiva desde meados do século XX, ora em debates a respeito sobre noticiário, ora especificamente acerca da modalidade. Com esse ponto de partida, um entendimento da relação com os acontecimentos em Brasília e da conceituação do esporte é menos intangível.

PALAVRAS-CHAVE: Ferreira Gullar; Futebol; *Folha de S. Paulo*; Cobertura esportiva.

ABSTRACT: Ferreira Gullar published for decades texts about art and politics in Brazilian press. The aim of this article is to show how football appears in the columns published by the author in *Folha de S. Paulo* during the 2000s; and how guidelines presents in sports coverage since the mid-twentieth century are resumed, sometimes in debates about news, sometimes specifically about the modality. With this starting point, an understanding of the relationship with events in Brasilia and the conceptualization of sport is less intangible.

KEYWORDS: Ferreira Gullar; Football; *Folha de S. Paulo*; Sports coverage.

INTRODUÇÃO¹

Todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática.²

Ferreira Gullar foi reconhecido pela intelectualidade de seu tempo um dos principais escritores brasileiros, o fato de ter ocupado uma cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL)³ atesta o trânsito pelos círculos mais influentes do país. Ao longo de sua vida, tomou parte de várias expressões artísticas, do teatro às artes plásticas: a presença na imprensa escrita atravessou essas atividades e se manteve até seus últimos dias. Foi crítico de arte, mas teve uma longa participação em veículos de comunicação impresso como colunista político.⁴ Seus maiores méritos vieram da produção poética – na poesia se empenhou até para transmitir as sensações despertadas pelo principal momento do futebol no poema “O gol”.⁵

Observar com mais cautela a relação de Gullar com esta modalidade, forte expressão da cultura popular no Brasil, é o propósito deste trabalho. Para isso, será examinado um período específico em suas colaborações com a imprensa. Os esforços se concentram nos textos publicados no jornal paulistano *Folha de S. Paulo*, durante a primeira década do novo milênio. Nos anos 2000, o poeta já havia se distanciado das reivindicações mais enérgicas que marcaram sua participação política às vésperas da ruptura antidemocrática de 1964 e nos instantes imediatamente posteriores.⁶ No entanto, o intervalo em que as colunas vieram a público antecede outra inegável inflexão de seu autor.

É a partir de 2010 que Gullar protagoniza, nas páginas da mesma publicação, um debate com o também poeta Augusto de Campos: a questão de fundo que instigou as desavenças foi a pertinência ou não de artistas condescenderem com atitudes políticas consideradas equivocadas com o intuito de manterem carreiras bem-

¹ Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI -260003/005791/2022.

² Texto publicado na *Folha de S. Paulo* em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

³ Perfil acadêmico disponível em: <https://bit.ly/3GUH8ye>.

⁴ O obituário da *Folha de S. Paulo* indica que o colaborador morreu de pneumonia aos 86 anos no Rio. Disponível em: <https://bit.ly/3ivdQwC>.

⁵ Declamação em áudio disponível em: <https://bit.ly/3C1kXJ7>.

⁶ RIDENTI. *Brasilidade revolucionária*.

sucedidas⁷. Assuntos mais candentes, entretanto, motivaram naquele momento os conflitos. O colunista fixo do jornal foi simpático ao processo que definiu a derrubada da presidenta eleita, Dilma Rousseff, em 2016. Campos, em contrapartida, não considerou justa a campanha pela saída da candidata eleita dois anos antes, na votação para o Palácio do Planalto.⁸

Depoimentos de envolvidos e textos biográficos registram que o desentendimento tem origens anteriores.⁹ Data da crise do autor maranhense radicado no Rio de Janeiro com o grupo concretista paulista, que tinha outro representante da família de Augusto, Haroldo, o início das discórdias que atravessaram décadas.¹⁰ No entanto, às vésperas da morte de Gullar – no mesmo ano da manobra que culminou no afastamento da presidenta do cargo –, a tensão atingiu maiores proporções e provocou comentários de outros colunistas, no mesmo jornal¹¹ e fora do veículo,¹² em debates que amalgamavam a política e as estéticas brasileiras.

Entre manifestações de hostilidade mútua, a discussão na *Folha de S. Paulo* colocou em pauta a entrada definitiva do escritor de São Paulo no Petit Trianon.¹³ Foram muitos os imortais da ABL que se debruçaram sobre o futebol. Genolino Amado comparava sucessos e fracassos esportivos a dramas humanitários de seu tempo;¹⁴ José Lins do Rêgo demonstrou simpatias por membros da União Democrática Nacional (UDN) em suas colunas esportivas;¹⁵ Darcy Ribeiro enxergava o sucesso nacional na modalidade como o vislumbre do potencial do Brasil e de sua apoteose no plano internacional.¹⁶ Apesar de suas proximidades com o universo futebolístico, os três casos exemplificam entrecruzamentos políticos, cada um a seu tempo.

Essa nuance é sensível em Gullar ao longo do período em questão. O futebol aparece como um elemento do cotidiano brasileiro, mas ganha corpo na desaprovação principalmente ao presidente da República. Compreender de que forma essa

⁷ O debate foi travado na seção de artigos da publicação. Disponível em: <https://bit.ly/3vVoM9T>.

⁸ Informações em: <https://bit.ly/3Xqw1Ci>.

⁹ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

¹⁰ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

¹¹ É um exemplo o texto de Ruy Castro. Disponível em: <https://bit.ly/3vTp4xU>.

¹² Blogs de esquerda repercutiram a discussão. Disponível em: <https://bit.ly/3vVoM9T>.

¹³ Argumentos e contra-argumentos disponíveis em: <https://bit.ly/3vTp4xU>.

¹⁴ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 262.

¹⁵ COUTINHO. *Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1945)*, p. 164.

¹⁶ RIBEIRO. *O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*, p. 205.

modalidade se articula com as disputas sociais é uma tarefa imprescindível para avaliar presença do esporte nos textos. Evidentemente, essas imbricações não são inéditas: a cobertura esportiva da primeira metade do século XX reúne registros semelhantes, que se mantêm nas emissoras radiofônicas e nos canais televisivos, especializados ou não.¹⁷ Enfrentar os textos do poeta-colunista oferece ainda outras possibilidades.

Se nos espaços destinados aos esportes em veículos de comunicação há traços políticos evidentes, é desafiador enxergar com precisão como o futebol surge em outras seções, dedicadas a assuntos distintos. Gullar ocupava um espaço destinado à cultura. Mais do que isso: quando as suas colunas se deparam com a modalidade, aspectos aparentemente naturais são colocados em xeque. Os questionamentos são semelhantes aos dos filósofos perante os diversos conceitos com os quais lidam. É permitido sugerir que determinadas passagens são esboços de uma filosofia do jogo. Em trabalhos de momentos diferentes, o mesmo autor assume a mesma conduta em outras situações.

Não há a pretensão de examinar a obra poética do autor, que é extensa e mereceria grande empenho. O legado deixado pelo escritor é vasto o suficiente para motivar mais de uma iniciativa. Tampouco o trabalho se predispõe a compreender a totalidade da sua prosa, igualmente ampla, que se espalha principalmente por jornais, revistas e livros. A intenção é se deter ao intervalo anteriormente mencionado,¹⁸ até mesmo para se concentrar em um momento da carreira de Gullar que tem merecido menos atenção do que fases anteriores, a exemplo da participação em manifestações artísticas nos anos 1950 e 1960 ou do engajamento contra os governos militares pós-1964.

O estudo adiante será constituído de três seções. Depois desta apresentação, a primeira contextualiza as relações de Gullar com a modalidade e apresenta elementos definitivos para a compreensão das tramas que correlacionam esporte e política em torno do autor. A seguinte se propõe a avaliar os atravessamentos mais diretos dos textos com menções ao futebol com o calendário eleitoral dos anos 2000 para identificar a

¹⁷ HERBERT NETO. *Jogo de Palavras: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960.*

¹⁸ Serão examinados 21 textos publicados entre 5 jun. 2006 e 19 out. 2009. Em todos, há pelo menos menção ao termo futebol.

quais bandeiras o colunista se filiou e contra quem se levantou. Por fim, a terceira encara a forma como a natureza da modalidade foi conceituada no período, com a finalidade de identificar conexões estéticas e políticas nessas proposições.

PERIQUITO VIROU POETA: FERREIRA GULLAR E O FUTEBOL

A *Autobiografia poética* se inicia com o relato sobre a infância do escritor: “Quando tinha doze ou treze anos de idade, roubava copos em botequins e lanchonetes no Centro de São Luís. Meus companheiros nessas travessuras tinham mais ou menos essa mesma idade, e nenhum de nós se tornou ladrão”.¹⁹ Em seguida, ao refletir sobre os rumos que a vida toma, completa – “Eu me tornei escritor; o outro, jogador de futebol; e o terceiro extraviou-se, entregando-se à maconha e depois à cocaína”.²⁰ A simples presença do futebol na abertura do livro de reminiscências é instigante, mas na realidade apenas aponta na direção da relevância que a modalidade assumiria para o colunista da publicação paulista.

Gullar retoma as memórias na *Folha de S. Paulo*. “Sou filho de um antigo cenotroavante do Luso Brasileiro Futebol Clube, que foi tantas vezes campeão maranhense. Ele se chamava Newton Ferreira, e foi na qualidade de craque da seleção maranhense que, em 1929, conheceu o Rio de Janeiro, um ano antes de nascer o seu filho”.²¹ Não é uma proximidade contemplativa; sua rotina era marcada pelo esporte – “Minha relação com o futebol não se limita a isso, já que, sem o mesmo talento que ele, joguei no infantil do Ferroviário Futebol Clube, sem contar as peladas no Campo do Ourique, em frente ao Mercado Novo”.²² Em outro texto assinala o motivo para o afastamento dos campos: “Saltei do bonde andando, em frente à igreja dos Remédios, embora logo adiante ficasse o ponto final da linha Praça João Lisboa-Gonçalves Dias, que era o outro nome da mesma praça. Em vez de esperar o bonde parar, resolvi dar uma de bacana, pulando”.²³

Continua o relato de sua condição física depois do acidente: “Fraco dos miolos, no bom sentido, claro, não conseguindo nem brincar de roda com os colegas [...],

¹⁹ GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*, p. 17.

²⁰ GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*, p. 17.

²¹ Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

²² Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

²³ Texto publicado em 12 nov. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3GynfLV>.

porque minha cabeça começava a rodar e tinha que segurar em alguém para não cair. Isso me incapacitou para o futebol, esporte predileto de meu pai [...] cujo exemplo desejava seguir”.²⁴ A afinidade com o esporte, no entanto, continuou. Gullar continuou a ser torcedor e se manteve atento aos caminhos e descaminhos dos antigos companheiros. “Troquei a rua pelo quarto, onde agora passava os dias lendo, enquanto meus companheiros de pelada seguiram seu rumo. Dois deles se tornaram craques de futebol, amados das respectivas torcidas: Esmagado, que fez sua carreira lá mesmo em São Luís do Maranhão, e Canhoteiro”.²⁵

Depois de chegar ao Rio de Janeiro, o autor participou da geração que empreendeu o processo de transformação da imprensa brasileira e que teve muitos representantes nas primeiras experiências da televisão, inclusive com as mesas redondas esportivas.²⁶ “Confidenciei a um cronista esportivo – se não me engano, ao Armando Nogueira – que tinha sido colega de infância de Canhoteiro, e ele logo pensou em promover um encontro de nós dois, na primeira oportunidade que o São Paulo viesse jogar no Rio”, conta Gullar.²⁷ Nogueira foi um comentarista, escritor, jornalista e diretor de TV e exerceu funções de destaque na cobertura esportiva durante décadas.²⁸ A descrição dessa proposta de Nogueira demonstra a circulação do autor, não somente entre literatos, pelos principais veículos de imprensa desde a primeira metade do século XX, a despeito de o jogador profissional não o ter reencontrado. “O encontro não houve, mas, quando falou de mim a Canhoteiro, este exclamou: – Não me diga, o Periquito virou poeta?!”.²⁹

Existe caudalosa ampla bibliografia dedicada às alterações nas empresas de comunicação na década de 1950, com ênfases nos impasses que as mudanças promoveram.³⁰ Essas transformações se inserem em um abrangente arco de

²⁴ Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

²⁵ Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

²⁶ *Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo*.

²⁷ Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

²⁸ HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*.

²⁹ Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

³⁰ RIBEIRO. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. estudos históricos; ABREU. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 1950. In: ABREU; LATTMAN-WELTMAN; FERREIRA; RAMOS. Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50; LATTMAN-WELTMAN. Imprensa carioca dos anos 50: os “anos dourados”. In: ABREU; LATTMAN-WELTMAN; FERREIRA; RAMOS. Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50; ROXO, Jornalistas Pra Quê? Militância Sindical e o Drama da Identidade Profissional.

modificações pelas quais passaram as artes e a cultura no Brasil a partir da possibilidade de atingir enormes contingentes populacionais com a radiodifusão.³¹ O acompanhamento dos acontecimentos esportivo é anterior ao período: desde o fim do século XIX a imprensa carioca se concentrava nos eventos protagonizados por várias modalidades, mesmo antes de o futebol se popularizar e alcançar as diferentes camadas da sociedade.³²

Na segunda década do milênio, o futebol novamente surgiria, mesmo que de maneira menos explícita, em menção a uma expressão da cultura popular³³ de livro sobre crítica da arte contemporânea brasileira.³⁴ Do mesmo modo que sua biografia sugere a ligação com o futebol, indica conexões com bandeiras e pautas políticas. Gullar pode ser identificado com o conjunto de artistas e intelectuais com inclinação nacional-popular, cujos relatos reforçam o engajamento na militância política imediatamente antes do golpe de 1964,³⁵ e resistência ao autoritarismo do regime.³⁶ O escritor liderou um dos principais polos que promoveram essa experiência política, com méritos e limitações próprios: o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), no princípio dos anos 1960.³⁷ Esse é um dos traços mais simbólicos do trânsito empreendido nos circuitos mais politizados da época, ao lado de sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).³⁸ Há no período toda uma produção interessada na linguagem tradicional, com o recurso ao cordel, e as primeiras peças de teatro.

EM QUE POBREZA NÃO FICARÁ A VIDA INTELECTUAL BRASILEIRA: OPOSIÇÃO AMPARADA PELO FUTEBOL

A conduta política de Gullar é, todavia, ambígua: o período inicial do maranhense na então capital da República não é marcado pela defesa de reivindicações sociais;³⁹ antes do engajamento ao partido, foi recrutado para trabalhar em Brasília no setor

³¹ ORTIZ. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*.

³² MELO. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*.

³³ Título de uma das críticas publicadas em *Arte Contemporânea Brasileira*,

³⁴ GULLAR. *Bola no Chão*, p. 213.

³⁵ FERREIRA; GOMES. 1964: *O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*.

³⁶ RIDENTI. *Brasilidade revolucionária*; RIDENTI. *Em busca do povo brasileiro*.

³⁷ RIDENTI. *Brasilidade revolucionária*; RIDENTI. *Em busca do povo brasileiro*.

³⁸ GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*, p. 57.

³⁹ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*, p. 30.

cultural do conservador governo Jânio Quadros;⁴⁰ e são comuns as versões de que até sua vinculação ao comunismo quase acidental provocou arrependimentos por conta das privações impostas.⁴¹ O poeta foi para o exílio, com passagens por países também com governos autoritários, a exemplo da Argentina.⁴² Sofreu perseguições por conta dessa militância, mas a colaboração com veículos de comunicação que apoiaram a derrubada do presidente João Goulart e ofereceram a sustentação civil para o regime imposto foi mantida, mesmo após a redemocratização.⁴³

Essa ambivalência é identificada após a primeira eleição de um civil para presidente da República, depois de uma sequência de generais que ascenderam ao cargo sem o voto popular. Gullar foi nomeado pelo Palácio do Planalto presidente da Fundação Nacional das Artes (Funarte) na década de 1990 e declarou voto em Fernando Henrique Cardoso para a presidência.⁴⁴ Reconhecer a relevância dessas passagens para a trajetória do autor, sem idealizar a sua participação na política, deve ser o ponto de partida para a compreensão dos seus textos, elaborados nos anos 2000, e principalmente para a feroz oposição ao governo federal levada a cabo no período. A adesão de artistas e intelectuais a órgãos de Estado é problematizada por Ridenti⁴⁵ com base no conceito de brasilidade revolucionária, embora sua maior preocupação seja com o período entre a chegada de Castelo Branco e a posse de José Sarney.

Nessa paisagem, o futebol desempenha funções diferentes: ora representa um dos assuntos rotineiros mais debatidos pelas ruas cariocas de maneira até frívola,⁴⁶ ora surge como o enquadramento para discussões mais aprofundadas da sociedade.⁴⁷ Surgem assim vieses diferentes nos textos que citam a modalidade, do estranho debate sobre racismo no Brasil⁴⁸ às críticas à política externa;⁴⁹ desde os relacionamentos abertos⁵⁰ até a globalização, que àquela altura já havido promovido

⁴⁰ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*, p. 60.

⁴¹ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*, p. 110.

⁴² CABO. *Argentina/78: uma Copa do Mundo política, popular e polêmica*.

⁴³ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*.

⁴⁴ Matéria disponível em: <https://bit.ly/3XikrZW>.

⁴⁵ RIDENTI. *Em busca do povo brasileiro*.

⁴⁶ A exemplo do texto publicado em 9 mar. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3X75r1u>.

⁴⁷ O texto publicado em 28 jun. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3GyO5U7>.

⁴⁸ Texto publicado em 24 maio 2009, disponível em: <https://bit.ly/3irMh7B>.

⁴⁹ Texto disponível em: <https://bit.ly/3vTp80M>.

⁵⁰ A exemplo do texto publicado em 9 mar. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3X75r1u>.

a espectadores dos jogos comunidades indígenas afastadas.⁵¹ A abrangência é justificada pela liberdade interpretativa que é conferida a colunistas e comentaristas.⁵²

A título de exemplo, os desvios gramaticais e sintáticos são alvos de críticas – às vezes bem-humoradas, às vezes sisudas. “Se criticamos os erros dos governantes, dos deputados, dos juízes de futebol, que desrespeitam a ética, por que não podemos criticar os erros – ainda que muitíssimo menos graves – de escritores, locutores, jornalistas, advogados, economistas, que desrespeitam a gramática?”⁵³ A modalidade se insere na vida cotidiana e, de certa maneira, nas mudanças na língua portuguesa: “Tampouco me tenho como um feroz inimigo do uso de palavras e expressões estrangeiras, quando impostas por necessidades da própria vida, em razão do surgimento de novas tecnologias ou novos hábitos”.⁵⁴

O instante que condensa mais impressões diretamente sobre o futebol é a Copa do Mundo de futebol masculino de 2006. Os textos observam a campanha da seleção brasileira, considerada favorita em busca do título, e o modo pelo qual veículos de comunicação se debruçam no desempenho da equipe que representava o Brasil.⁵⁵ É adotada uma abordagem que recorre menos nos cacoetes da cobertura especializada – na verdade, ironiza suas incorreções e incoerências: “Como disse, não estou querendo encher a paciência dos leitores, mas já repararam como alguns comentaristas de futebol usam certos verbos?”⁵⁶ Naquela competição, o time buscava a quarta final seguida, o segundo troféu consecutivo e o sexto na história dos Mundiais. As reflexões sobre a derrota não se limitam a esse período, tampouco o tema se esgota no debate a respeito da frustração com o resultado do torneio.

Do ponto de vista político, a dimensão moral é a que mais mobiliza o autor nas colunas da *Folha de S. Paulo*. São duas as expressões mais notáveis dessa tendência na primeira década do milênio. A primeira diz respeito ao sentimento da justiça na modalidade, a partir da defesa do aprimoramento dos mecanismos decisórios da arbitragem, e tem maior enfoque esportivo. A segunda se atém ao noticiário

⁵¹ Texto publicado em 19 out. 2008, disponível em: <https://bit.ly/3X39LyV>.

⁵² HERBERT NETO. Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa.

⁵³ Texto publicado em 9 out. 2005, disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

⁵⁴ Texto publicado em 9 out. 2005, disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

⁵⁵ Representa um exemplo o texto publicado em 25 jun. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3ID0uJq>.

⁵⁶ Texto publicado em 15 jun. 2008, disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

de Brasília mais amplamente, porém se ampara nas referências futebolísticas para colocar em pauta os desvios de verbas, os projetos de manutenção de poder e a negligência perante os problemas sociais no Brasil. Ambas são complementares, como será visto a seguir.

Os erros de arbitragem despertam a indignação. Nesse sentido, o que está em xeque, no horizonte estabelecido pelas colunas, é a justiça no jogo. Sem o cumprimento desse princípio, a isonomia é prejudicada e o propósito do futebol se perde.⁵⁷ O que motiva a publicação é a série de controvérsias sobre as decisões de árbitros ou assistentes em campo que interferiram em placares determinantes para os resultados dos campeonatos.⁵⁸ Cabe a ressalva de que os equívocos não são exclusivos do período observado e que suscitaram discussões em outros momentos – a ponto de alimentarem suspeitas de combinação de resultado para facilitar ou prejudicar times, com desdobramentos políticos nítidos.⁵⁹

Do ponto de vista da moral defendida pelo autor, isso configura uma degenerescência. “Quando o jogador deseja vencer a qualquer preço, mesmo roubando, é que a necessidade de autoafirmação sofreu uma grave anomalia: o jogador desonesto começa por enganar a si mesmo e a aceitar como verdadeira a vitória que não houve, a vitória fraudada, fruto da burla”.⁶⁰ A consequência, nas reflexões de Gullar, é automática – “A câmera da TV mostra se foi pênalti ou se não foi. E a pergunta que se impõe é sempre esta: por que não dotar a arbitragem de recursos tecnológicos que evitariam os erros?”.⁶¹ O poeta-colunista antecipa em quase uma década a aplicação do *Video Assistant Referee* (VAR), recurso para checagem de lances duvidosos que só seria empregado em Copas do Mundo de futebol masculino em 2018.⁶²

A ofensiva moral contra políticos merece destaque. A leitura das colunas na publicação no período evidencia que este é um mote, com ainda mais veemência do que a justiça no futebol. A modalidade surge como uma forma de aproximar os leitores dessa discussão quase etérea a respeito do comportamento dos governantes.

⁵⁷ Texto publicado em 5 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

⁵⁸ Texto publicado em 5 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

⁵⁹ HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*.

⁶⁰ Texto publicado em 5 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

⁶¹ Texto de 15 mar. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3Wf1JnnK>.

⁶² “Chamou o VAR!”: mesas-redondas na TV, comentário esportivo e o recurso visual na estreia brasileira no Mundial de 2018. AÇÃO MIDIÁTICA.

O tema é candente a ponto de ser grafado com letras garrafais, no início de uma das edições da *Folha de S. Paulo*. “A CORRUPÇÃO entre nós está mudando. Essa é a impressão que tenho. Não me arvorar a entendido no assunto mas, até onde consigo perceber, de alguns anos para cá, a corrupção passou a apresentar características muito especiais”.⁶³ Na maioria dos textos que assumem esse como o tema principal, o esporte desempenha função periférica.

As denúncias se direcionam ao Partido dos Trabalhadores (PT), à época no governo, e ao presidente em exercício: “O que mais impressiona nessa farra petista de falcatruas é que ela persiste, apesar dos escândalos que tem provocado. É verdade que corrupção sempre houve e essa é, com razão, a única prioridade que Lula não reivindica para seu governo. Mas ficava restrita, quase sempre, a fatos pontuais”.⁶⁴ As críticas ou são endereçadas nominalmente ao representante da sigla ou a um personagem recorrente, o demagogo. Normalmente, as menções são acompanhadas de artigo definido. Ou seja, trata-se de uma figura singular, o que reforça as suspeitas de que há referências ao antigo líder sindicalista.

O seguinte caso exemplifica essa presença: “O demagogo engana o eleitor para obter-lhe o voto, vence a eleição e, depois, fica de mãos atadas, sem saber o que fazer diante dos problemas efetivos, que exigem solução. A saída que encontra é aumentar os impostos. Trata-se, portanto, de um exercício de burla”.⁶⁵ Os ataques aos erros do governo federal e ao caráter de Lula se dão também durante o período eleitoral de 2006, quando na tentativa de se reeleger o candidato recebe mais críticas da coluna – “O voto desinformado favorece o demagogo, o político que só visa suas próprias vantagens, enquanto alija da vida política aqueles que agem com espírito público”.⁶⁶

Gullar retoma a imagem de um Brasil marcado pela corrupção moral, que tem na modalidade um raro sucesso em escala global: “A verdade é que a imagem que o mundo tem de nós é mais do país do futebol e do samba do que de um povo de brado heroico e retumbante”.⁶⁷ Em seguida, na mesma edição, volta à carga contra o governo, que havia sido reeleito após ser submetido às urnas em 2006. “Não há um dia”, afirma

⁶³ Texto publicado em 1º jun. 2005, disponível em: <https://bit.ly/3QB9mB9>.

⁶⁴ Texto publicado em 15 out. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3Qw1pNw>.

⁶⁵ Texto publicado em 19 out. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3CBGkLR>.

⁶⁶ Texto publicado em 5 out. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

⁶⁷ Texto publicado em 31 dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3vXrcoo>.

o colunista, “em que não se descubra alguém que, parecendo nem rabo ter, revela-se com o rabo preso em alguma ratoeira”.⁶⁸ Entretanto, é no momento que analisa as notícias de Brasília que a imbricação entre futebol e política mais se destaca.

Em outro texto, o autor relata: “A propósito do bate-boca entre o presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, e o ministro Joaquim Barbosa, o presidente Lula declarou: ‘Isso é natural. É que nem futebol, onde se briga a toda hora. Se fosse por isso, o futebol já tinha acabado’”.⁶⁹ É interessante chegar a familiaridade do representante do PT apresenta com o esporte, ao relacioná-lo com as disputas no Legislativo. Morais igualmente ressalta essa facilidade no percurso do político.⁷⁰ A reação de Gullar, registrada na sucinta nota, é irônica – “É uma observação de raro brilhantismo. Imagino em que pobreza não ficará a vida intelectual brasileira depois do Lula!”.⁷¹

A dualidade expressa no esporte colabora para esse moralismo: com dois times em disputa, um choque aflora e a salvaguarda de um dos lados em detrimento do outro se explicita. O autor desenvolve essa dimensão de embate em uma das colunas do período: “O jogo é uma espécie de batalha que não resulta em mortos e feridos (ou não deveria), mas expressa a necessidade natural do ser humano de disputar e afirmar-se perante o outro que, no jogo, é um adversário convencionado – o ‘inimigo’ numa guerra simulada”.⁷² A dicotomia pretensamente se ampara, por meio dessa visão, no caráter universal do jogo, que coloca em conflito as equipes. Essa versão não leva em consideração o histórico dos veículos de comunicação e, mais especialmente, da cobertura esportiva brasileira.

Gullar revisita uma tradição presente no falar sobre futebol no país quando investe repetidamente no amálgama entre política e futebol mediado pela moralidade.⁷³ “Sabemos que o futebol tem um universo verbal próprio, bastante pitoresco, aliás, contra o qual nada tenho a opor, muito pelo contrário”, reconhece.⁷⁴ O apelo junto às classes médias que a cruzada contra a corrupção moral dos representantes

⁶⁸ Texto publicado em 31 dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3vXrcoo>.

⁶⁹ Texto publicado em 3 maio 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

⁷⁰ MORAIS. *Lula – Biografia*.

⁷¹ Texto publicado em 3 maio 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

⁷² Texto publicado em 4 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

⁷³ Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967.

⁷⁴ Texto publicado em 15 jun. 2008, disponível em: <https://bit.ly/3ID0uJq>.

presentes no Executivo e no Legislativo, principalmente, é uma constante no século XX.⁷⁵ As candidaturas de comentaristas esportivos a cargos eletivos, com a defesa de pautas moralistas, são os pontos mais simbólicos dessa tendência.⁷⁶ Além disso, essa tendência histórica se expressa ainda no bacharelismo e no elitismo – que encontra ecos nas críticas ao mau uso da língua feitas pelo autor. Se os exemplos anteriores se notabilizam pela oposição ao trabalhismo, na publicação paulista o adversário é o PT.

Nesse novo momento, o proselitismo adquire outra fisionomia porque as pautas das classes médias passaram a ser diferentes. Em outro texto, consta a defesa do carro blindado utilizado pela Polícia Militar em operações em comunidades carentes do Rio de Janeiro – apelidado de Caveirão.⁷⁷ O autor reclama da ausência de manifestações públicas de ativistas dos direitos humanos depois das mortes de policiais militares e condescende com a alta letalidade das incursões das forças de segurança pública.⁷⁸ Os debates sobre a necessidade de medidas para essas áreas ainda levantam a hipótese da construção de muros para apartá-las, com o argumento de que isso provocaria a redução do desmatamento.⁷⁹

TODO JOGO É DE AZAR: O PRECÁRIO FILOSOFAR SOBRE FUTEBOL

A vasta produção em prosa de Gullar tem vários episódios que demarcam a aproximação com a Filosofia, geralmente por meio das discussões a respeito da arte: ao apresentar o conceito de não-objeto e seu processo de concepção, o autor estipula como referência Merleau-Ponty;⁸⁰ quando repensa as possibilidades para o desenvolvimento de vanguardas artísticas em países subdesenvolvidos, Marx é tomado como paradigma;⁸¹ e no desafio de examinar a vida de Nise da Silveira, é forçoso o diálogo com filósofos que colocaram a psiquiatria como um problema.⁸² É

⁷⁵ HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*.

⁷⁶ HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*; HERBERT NETO. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidarismo no comentário esportivo na TV.

⁷⁷ Texto publicado em 22 jun. 2007, disponível em: <https://bit.ly/3X1wpHZ>.

⁷⁸ Texto publicado em 22 jun. 2007, disponível em: <https://bit.ly/3X1wpHZ>.

⁷⁹ Texto publicado em 3 maio 2009, disponível em: <https://bit.ly/3vTp80M>.

⁸⁰ GULLAR. Teoria do não-objeto. In: AMARAL Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962.

⁸¹ GULLAR. *Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*, 1978.

⁸² GULLAR. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*.

imprescindível assinalar que a dimensão plástica, seja das palavras, seja de esculturas ou pinturas, é a força motriz dessas extensas análises.

Esse registro é necessário porque o autor reconhece no esporte um caráter artístico – “Futebol é arte, mas é, sobretudo, jogo. A arte tem um fim em si mesma, e o jogo não: a finalidade do jogo é a vitória que, infelizmente, nem sempre vem”.⁸³ A associação igualmente tem antecedentes entre intérpretes do Brasil, que identificaram que o modo pelo qual o esporte é praticado por nativos do país é singular.⁸⁴ Acima de tudo, o excerto realça o interesse do autor pela natureza da modalidade, que transcende o calendário profissional e as disputas rotineiras de seleções ou clubes. Contribui para isso o fato de seus textos não serem publicados na seção de esportes, e sim na de cultura da *Folha de S. Paulo*. A busca pela conceituação tem propósitos abrangentes, não ambiciona delimitar a modalidade como um elemento da identidade nacional, tampouco se esgota na descrição de suas camadas artísticas. A despeito de encarar o esporte com olhar universal, Gullar recupera outra característica que havia chamado a atenção de pensadores anteriores: a agonística.

A noção de conflito é outra constante no falar sobre o futebol, tanto na cultura popular quanto em veículos de comunicação desde as primeiras experiências em radiodifusão no país.⁸⁵ Hollanda nota esse aspecto no comportamento dos torcedores e na cobertura especializada no futebol⁸⁶ – ambos compartilham expressões, maneirismos e até sensações conectadas às disputas de ordem social, cultural e política. Depois do golpe de 1964, a mobilização ao redor do esporte transformou a postura daqueles que acompanhavam a modalidade, imprimindo mais intensidade e violência na cena pública.⁸⁷ É necessário perceber na atenção aos conflitos desdobramentos dessa perspectiva. Em outras colunas de Gullar, as disputas igualmente vêm à tona.⁸⁸

A discussão sobre a natureza do jogo se estende e compõe, de certa maneira, o conjunto do pensamento do colunista acerca do futebol no período em questão. “Não pretende o extermínio do adversário mas, simbolicamente, uma afirmação de sua

⁸³ Texto publicado em 2 jul. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

⁸⁴ HERBERT NETO. *Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro*.

⁸⁵ HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*; HERBERT NETO. *Programas esportivos de mesa redonda*.

⁸⁶ HOLLANDA. *O Clube como Vontade e Representação*.

⁸⁷ HOLLANDA. *O Clube como Vontade e Representação*.

⁸⁸ É o caso do já mencionado texto publicado em 4 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

própria superioridade. Jogar é, portanto, uma coisa séria fingindo que é brincadeira, não uma farsa. Por isso mesmo tem regras que são, na verdade, a sua essência, melhor dizendo, o próprio jogo”.⁸⁹ Caso o leitor conheça a constituição do moralismo da coluna, fica mais simples entender que neste caso as nuances conflitivas ajudam a formar o sentimento de justiça, basilar nas reflexões sobre o tema na década de 2000. Não é gratuitamente que o autor, ao refletir, retorne ao problema da justiça: “Todo este precário filosofar veio a propósito dos frequentes erros que os juízes cometem, às vezes tão graves que comprometem o resultado da partida e até a conquista de um título de campeão”.⁹⁰ Os fragmentos colaboram ainda para o entendimento de questões estéticas mais profundas.

Nem a pactuação em torno das regras é capaz de extrair o caráter impondável do jogo. Como em raras passagens, Gullar é didático para explicar a indeterminação: “Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso”.⁹¹ “O time adversário desloca para a área do que sofre o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol”, prossegue o autor, “Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante”.⁹² As possibilidades permanecem, mesmo com toda essa dinâmica tática – “Crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador”.⁹³

Pela cultura popular igualmente transita essa percepção de que o futebol convive com alto grau de aleatoriedade, segundo o colunista: “A verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado ‘pé

⁸⁹ É o caso do já mencionado texto publicado em 4 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

⁹⁰ Texto publicada em 15 mar. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3Wf1JnnK>.

⁹¹ Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

⁹² Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

⁹³ Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

frio”.⁹⁴ A constatação de que circula entre aqueles que jogam profissionalmente e os que simplesmente acompanham, nos estádios ou por radiodifusão, uma expressão específica para os desafortunados reitera a preponderância do acaso – não somente aos olhos do poeta, colunista e escritor, mas por todos os cativados de alguma maneira no esporte.

A conjunção de fatores faz com que essas impressões sejam sintetizadas: “Todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso”.⁹⁵ O fascínio pela imprevisibilidade não é inédito: quando critica as pretensas vanguardas artísticas forjadas no Brasil, o autor estabelece Mallarmé como parâmetro para toda a renovação que eclodiu na Europa e provocou a literatura nos outros continentes.⁹⁶ Foi eleito referencial para a avaliação das rupturas *Um Lance de Dados*,⁹⁷ cujo trecho simbólico “um lance de dados jamais abolirá o acaso” é inclusive citado por Gullar.⁹⁸

A menção evoca um elemento crucial para outros trabalhos do colunista. Em uma passagem do mesmo poema, Mallarmé registra: “O acaso/ cai a pluma/ rítmico suspense do sinistro/ sepultar-se/ nas plumas originais/ de onde há pouco sobressaltou seu delírio até um cimo/ fenecido/ pela neutralidade idêntica da vora-gem”.⁹⁹ Os experimentos com a linguagem são um diferencial mallarmeano, mesmo assim uma breve leitura identifica o assombro que essa experiência suscita. “O poeta nunca controlará sua linguagem a ponto de impedir qualquer interferência da subjetividade, do sonho, dos sentimentos ou do acaso”, comenta Gullar a partir do escritor francês.¹⁰⁰ A imprevisibilidade, portanto, também gera admiração.

Com isso, emerge a aproximação do futebol com a poesia. Os dois são constituídos pelo acaso, como assinalam as colunas da *Folha de S. Paulo*. Há outro indício que não pode ser negligenciado: relatos memorialísticos e autobiográficos são

⁹⁴ Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

⁹⁵ Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

⁹⁶ GULLAR. *Vanguarda e subdesenvolvimento*.

⁹⁷ MALLARMÉ. *Um jogo de dados*.

⁹⁸ Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

⁹⁹ MALLARMÉ. *Um jogo de dados*, p. 99, grifos do autor.

¹⁰⁰ GULLAR. *Vanguarda e subdesenvolvimento*, p. 47.

unânicos ao reconhecerem o papel que o espanto exerce na obra do poeta brasileiro.¹⁰¹ Em diferentes instantes de sua vida, Gullar defendeu que só escrevia novos poemas e, por conseguinte, publicava volumes inéditos quando era tomado por esse sentimento – assombro causado seja a partir da linguagem, seja perante as mais rotineiras atividades do dia a dia.¹⁰² Essa era a sua justificativa para períodos tão longos sem lançamentos.

O fato de enxergar na modalidade também essa aleatoriedade demonstra a importância que o esporte teve na visão de Gullar no período levado em consideração. O espanto perante o acaso no futebol revela que toda tentativa de explicar o que acontece no gramado, seus resultados e jogadas é acompanhada por um alto nível de imprecisão. A imprevisibilidade, que não pode ser contida por estratégias dos treinadores ou pela habilidade dos mais capacitados atletas, é inexorável. As constantes críticas do colunista à cobertura especializada induzem a essas conclusões. Esse é um dos motivos para a tão instável autoridade de comentaristas esportivos de rádio e televisão que se propõem a analisar a modalidade

* * *

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 1950. In: ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. **Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 13-58.
- CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do. **Argentina/78: uma Copa do Mundo política, popular e polêmica**. Curitiba: Appris Editora, 2019.
- COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1945)**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2019.
- FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GULLAR, Ferreira. **Autobiografia poética e outros textos**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

¹⁰¹ MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

¹⁰² MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

GULLAR, Ferreira. Bola no Chão. In: _____. **Arte contemporânea brasileira**. São Paulo: Lazuli Editora, 2013, p. 203-207.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira**: uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. In: AMARAL, Aracy A. (coord.). **Projeto Construtivo Brasileiro na Arte**: 1950-1962. São Paulo; Rio de Janeiro: Pinacoteca do Estado de São Paulo; MAM-RJ, 1977, p. 85-94.

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e subdesenvolvimento**: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

HERBERT NETO, Helcio. “Chamou o VAR!”: mesas-redondas na TV, comentário esportivo e o recurso visual na estreia brasileira no Mundial de 2018. **AÇÃO MIDIÁTICA**. Curitiba, n. 21, jan./jun. Curitiba, p. 151-176.

HERBERT NETO, Helcio. Brasil brasileiro: Ary Barroso, da vida política ao comentário esportivo. In: BELMAIA, Nathany A. W; AMADARO, Cássio H. dos S.; FRIZZO, Matheus K.; MIRANDA, Guilherme N.; HENRIQUE, Heitor E.; ARCHER, Renan B.; PINTO, Otávio Luiz Vieira (org.). **Diálogos sobre História no Brasil**: Política, Arte e Cultura. Curitiba: UFPR, 2022, p. 414-439.

HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v. 42, n.3, 2021, p. 69-88.

HERBERT NETO, Helcio. Deu bicho: Grande Resenha Facit, contravenção e a vitória do Bangu no Campeonato Carioca de 1966. **Recorde**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 1-20, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2021, p. 61-79.

HERBERT NETO, Helcio. **Jogo de Palavras**: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960. Doutorado (História Comparada), Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidarismo no comentário esportivo na TV. In: I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás. **Anais...** Uruaçu, p. 46-63, 2020.

HERBERT NETO, Helcio. Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa. in: VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. **Anais...** Niterói, 2018, p. 532-541.

HERBERT NETO, Helcio. **Programas esportivos de mesa redonda**: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF, Niterói, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O Clube como Vontade e Representação** – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa carioca dos anos 50: os “anos dourados”. In: In: ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. **Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 157-188.

MALLARMÉ, Stéphane. **Um jogo de dados**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MORAIS, Fernando. **Lula – Biografia**, v. 1. S. Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MOURA, George. **Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 31, p. 147-160, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do tempo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à Era da TV**. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

ROXO, Marco. **Jornalistas pra quê? militância sindical e o drama da identidade profissional**. Curitiba: Editora Appris, 2017.

COLUNAS DE FERREIRA GULLAR NA FOLHA DE S. PAULO

GULLAR, Ferreira. A fauna do Zeppelin. Disponível em: <https://bit.ly/3IP3O42>.

GULLAR, Ferreira. O jogo da semântica. Disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

GULLAR, Ferreira. Graça besta. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

GULLAR, Ferreira. Os novos corruptos. Disponível em: <https://bit.ly/3QB9mB9>.

GULLAR, Ferreira. Ruim mesmo é perder. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

GULLAR, Ferreira. Craques da minha vida. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

GULLAR, Ferreira. O preço da fama. Disponível em: <https://bit.ly/3ID0uJq>.

GULLAR, Ferreira. A sina do escorpião. Disponível em: <https://bit.ly/3Qw1pNw>.

GULLAR, Ferreira. Hora de optar. Disponível em: <https://bit.ly/3CBGkLR>.

GULLAR, Ferreira. A propósito de um pica-pau. Disponível em: <https://bit.ly/3GynfLV>.

GULLAR, Ferreira. Não há um dia em que não se descubra alguém com o rabo preso em alguma ratoeira. Disponível em: <https://bit.ly/3vXrcoo>.

GULLAR, Ferreira. Jogos de azar. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

GULLAR, Ferreira. Difícil resposta. Disponível em: <https://bit.ly/3X1wpHZ>.

GULLAR, Ferreira. Casal moderno. Disponível em: <https://bit.ly/3X75r1u>.

GULLAR, Ferreira. Resmungos gramaticais. Disponível em: <https://bit.ly/3k7UoGT>.

GULLAR, Ferreira. Reflexão sobre o óbvio. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

GULLAR, Ferreira. Gol com a mão vale. Disponível em: <https://bit.ly/3W1JnnK>.

GULLAR, Ferreira. Sopa de miúdos. Disponível em: <https://bit.ly/3vTp80M>.

GULLAR, Ferreira. Dá pra não resmungar? Disponível em: <https://bit.ly/3irMh7B>.

GULLAR, Ferreira. No país dos suspensórios. Disponível em: <https://bit.ly/3GyO5U7>.

GULLAR, Ferreira. Das inumeráveis atualidades. Disponível em: <https://bit.ly/3X39LyV>.

SITES E MATÉRIAS

Augusto de Campos detona Ferreira Gullar: neofascista. Disponível em: <https://bit.ly/3vVoM9T>.

Augusto de Campos critica Folha por usar poema para ilustrar vaias a Dilma. Disponível em: <https://bit.ly/3k7KB3o>.

CASTRO, Ruy. Spaghettilândia deveria celebrar briga entre Gullar e Augusto. Disponível em: <https://bit.ly/3vTp4xU>.

CASTRO, Ruy. Poesia na Spaghettilândia. Disponível em: <https://bit.ly/3Zs4G4l>.

FARAH, Tatiana. Estes dois senhores estão se insultando por uma conversa que tiveram há 61 anos. Disponível em: <https://bit.ly/3Xqw1Ci>.

Ferreira Gullar. O gol. Disponível em: <https://bit.ly/3C1kXJ7>.

Perfil acadêmico (Ferreira Gullar | ABL). Disponível em: <https://bit.ly/3GUH8ye>.

NERI, Emanuel. PFL poderia sair 'mais caro', diz FHC. Disponível em: <https://bit.ly/3XikrZW>.

WERNECK, Paulo. Poeta Ferreira Gullar morre de pneumonia aos 86 anos no Rio. Disponível em: <https://bit.ly/3ivdQwC>.

* * *

Recebido em: 7 ago. 2023.
Aprovado em: 11 abr. 2024.